

"OS FAZERES E SABERES DAS CRIANÇAS PARA ALÉM DOS ESPAÇOS INSTITUIDOS: PRIMEIROS OLHARES"

Fernanda Goltz Gonçalves - UFES

nandafgonca@yahoo.com.br

RESUMO

Ao analisarmos a ausência das crianças no processo de construção das escolas torna-se quase nula sua participação nos processos de elaboração e implementação dos projetos arquitetônicos. Neste sentido, buscou-se a partir de um estudo exploratório, analisar as experiências das crianças no uso e desuso dos espaços escolares, procurando identificar os elementos culturais que mais se sobressaem a esta prática. Foram sorteadas dez Unidades de Educação Infantil da Serra, Vitória e Vila Velha e como instrumento de coleta de dados utilizou-se o questionário semi-aberto, o diário de campo e a fotografia.

TEXTO AMPLIADO

Esse estudo são os primeiros olhares da pesquisa intitulada "Os fazeres e saberes das crianças para além dos espaços instituídos". Tal pesquisa se encontra em andamento e, a partir de um estudo exploratório, busca estabelecer uma interlocução com os principais usuários da escola: as crianças, bem como observar como elas lidam com a estrutura da escola que está imposta pelos adultos e se conseguem, ou não, (re)significar esse espaço e produzir suas próprias culturas nas relações entre pares. Para isso, foram sorteadas dez Unidades de Educação Infantil dos municípios da Serra, Vitória e Vila Velha. O redimensionamento ao longo dos últimos anos nestas redes de ensino caracteriza uma experiência peculiar em relação a outros municípios do estado do Espírito Santo que ainda não consolidaram de forma generalizada projetos arquitetônicos desta natureza. Historicamente a criança tem sido representada como um ser desprovido de qualidades políticas na construção de um mundo compartilhado (ARAÚJO, 2005: p. 107). Ao analisarmos a ausência dos sujeitos escolares no processo de construção das escolas torna-se quase nula a participação das crianças nos processos de elaboração e implementação dos projetos arquitetônicos. Principais usuárias desses espaços, as crianças são muitas vezes invisibilizadas e desqualificadas nos diferentes processos decisórios que atravessam o cotidiano escolar. A ausência de participação, sobretudo das crianças, no processo de elaboração dos projetos arquitetônicos, tem conferido ao espaço escolar apenas uma dimensão formalizada e funcional, o que transforma a escola em um lugar a partir de si mesma, carente de outras dimensões necessárias de serem garantidas no cotidiano. Pesquisar os saberes e fazeres que se apresentam na invenção e/ou subversão da funcionalidade espacial instituída pelos adultos é uma possibilidade de conhecer melhor as capacidades e interesses das crianças que se colocam nas práticas cotidianas vividas nas escolas. As crianças estão situadas no enquadramento dado pela ordem escolar, porém essas fronteiras são constantemente (re)significadas por elas. Elas (re)apropriam-se daquilo que está previamente fixado e (re)contextualizam o mundo que está a sua volta, dando um novo sentido ao que está imposto pela instituição. Os banheiros são um dos espaços que mais negam os direitos das crianças, por não

respeitem suas individualidades. Neles, com a estrutura que está (im)posta, não se percebe as crianças como cidadãos de direito. Quando questionadas, as crianças apontam o pátio como sendo o lugar que mais gostam, embora cercado por muros e grades. As crianças os exploram, pendurando-se ou observando as outras através deles. Elas demonstram sentir a necessidade de falar e serem ouvidas. Contam sobre seus gostos, angústias e segredos. Na maioria das vezes não são vistas como sujeitos participantes, com pontos de vistas, com desejos e saberes, e nesse sentido, suas vozes passam a ser nulas e seus dizeres silenciados.